

A crítica dialética de Roberto Schwarz: literatura e sociedade na era de nova lógica global do capital¹

Roberto Schwarz's dialectic criticism: literature and society in the era of new global logic of capital

La crítica dialéctica de Roberto Schwarz: literatura y sociedad en la era de la nueva lógica global del capital

Renato Franco²

Resumo

O ensaio busca resumir o itinerário da formação da teoria crítica de Roberto Schwarz. Para tanto, destaca três aspectos decisivos de sua formação, a saber: a influência de Theodor Adorno, de Antonio Candido e do grupo de estudos sobre Marx. Nessa direção, examina as principais ideias e aspectos metodológicos elaborados no chamado Seminário de Marx e posteriormente assumidos por Schwarz, dentre as quais se destacam a) nova concepção dialética sobre o progresso; b) a análise dialética da relação entre o Brasil e o cenário internacional, em que os termos se esclarecem respectivamente; c) a formação do capitalismo no Brasil apresentaria uma singularidade, não repetindo a história dos países desenvolvidos, entre outras ideias. Do mesmo modo, é examinada sucintamente a seguir a concepção de forma literária formulada por Antonio Candido, a qual seria rigorosamente assumida por Schwarz, assim como é referida muito brevemente sua análise da obra de Machado de Assis, em que o processo literário brasileiro é entendido em relação ao presente do capitalismo globalmente considerado; nesse movimento, é também configurado criticamente o sentido do golpe civil-militar imposto ao país em 1964. Finalmente, são destacadas as análises sobre o processo social e cultural do país, notadamente o período marcado pelo nacional-desenvolvimentismo, interrompido bruscamente em 1964; na sequência é analisado o ensaio “Fim de século”, no qual Schwarz elabora interpretação sobre o período inaugurado com o fim do referido nacional-desenvolvimentismo, que seria marcado por uma lógica unificada do movimento do capital no plano global, mas que incidiria nos países de industrialização retardatária de modo a provocar o aparecimento de lógica de desagregação social. Por fim, são referidas algumas das obras literárias ou fílmicas que elaboraram criticamente semelhante situação.

Palavras-chave: Roberto Schwarz; Teoria Crítica no Brasil; Pensamento dialético no Brasil; Crítica literária dialética.

Abstract

The essay presents an introduction, in which the intellectual formation of Roberto Schwarz in the early 1960s is located, highlighting the influence of Theodor Adorno, Antonio Candido and the study group on Marx. Then, the main ideas and methodological aspects elaborated in

¹ Este ensaio é uma versão muito resumida de trabalho maior sobre a Teoria Crítica de Roberto Schwarz a ser publicado em Constelaciones, Revista de Teoria Crítica, Espanha.

² Universidade Estadual Paulista (UNESP-Araraquara). Araraquara/SP, Brasil.

E-mail: rbfrancoforte@hotmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5799-9180>

the so called Marx Seminar and later assumed by Schwarz are examined, among which stand out: a) a new dialectical concept on progress; b) a dialectical analysis of the relationship between Brazil and the international scene, in which the terms clarified respectively; c) the formation of capitalism in Brazil would present a singularity, not repeating the history of the developed countries, among other ideas. In the same way, the conception of literary form elaborated by Antonio Candido is examined, which would be rigorously assumed by Schwarz. Next item analyzes part of the intellectual production of Schwarz, highlighting his analysis of Machado de Assis's work, while the Brazilian literary process is understood in relation to the present of global capitalism; in this movement is also critically delineated the meaning of the civil military coup imposed to the country in 1964. Next, his analyses of the country's social and cultural process are highlighted, especially in the period marked by national-developmentalism, which was abruptly interrupted in 1964. Finally, the essay "End of the Century" ("Fim de século") is analyzed, in which Schwarz elaborates an interpretation of the period inaugurated by the end of the aforementioned national-developmentalism, which would be marked by a unified logic of the movement of capital on a global scale, but which would affect the countries with lagging industrialization in such a way as to cause the emergence of a logic of social disintegration. Lastly, some of the literary or film works that have critically elaborated on this situation are mentioned.

Key words. Roberto Schwarz; Critical Theory in Brazil; Dialectical thinking in Brazil; Dialectical literary criticism.

Resumen

El ensayo presenta una introducción, en la que se sitúa la formación intelectual de Roberto Schwarz a principios de la década de 1960, destacando la influencia de Theodor Adorno, Antonio Candido y el grupo de estudios sobre Marx; luego, se examinan las principales ideas y aspectos metodológicos elaborados en el llamado Seminario de Marx y posteriormente asumidos por Schwarz, entre los que se destacan a) una nueva concepción dialéctica del progreso; b) el análisis dialéctico de la relación entre Brasil y el escenario internacional, en el que se aclaran los términos respectivamente; c) la formación del capitalismo en Brasil presentaría una singularidad, no repitiendo la historia de los países desarrollados, entre otras ideas. Del mismo modo, se examina a continuación la concepción de forma literaria formulada por Antonio Cándido, que sería asumida rigurosamente por Schwarz (III, IV). El siguiente punto analiza parte de la producción intelectual de Schwarz, destacando su análisis de la obra de Machado de Assis, al mismo tiempo que el proceso literario brasileño se entiende en relación al presente del capitalismo globalmente considerado; en este movimiento también se configura críticamente el sentido del golpe cívico-militar impuesto al país en 1964. Finalmente, se destacan sus análisis sobre el proceso social y cultural del país, en particular el período marcado por el nacional-desarrollismo, que se habría interrumpido abruptamente en 1964; luego se analiza el ensayo "Fin de siglo", en el que Schwarz elabora una interpretación sobre el período inaugurado con el fin del mencionado nacional-desarrollismo, el cual estaría marcado por una lógica unificada del movimiento de capitales a nivel mundial, pero que afectaría a los países de industrialización tardía para provocar la aparición de una lógica de desintegración social. Finalmente, se mencionan algunas de las obras literarias o fílmicas que elaboraron críticamente una situación similar.

Palabras clave. Roberto Schwarz; Teoría Crítica en Brasil; Pensamiento dialéctico en Brasil; Crítica literaria dialéctica.

I

Em entrevista intitulada “Sobre Adorno” (2012a) Roberto Schwarz narra momentos decisivos de sua formação intelectual no Brasil do início da década de 1960. Dentre estes, destaca a descoberta da *Dialética do Esclarecimento* e de outras obras de Adorno, como *Notas de literatura* e sobretudo *Filosofia da nova musica*; realça ainda como as condições da vida social brasileira da época - informada pela dinâmica do projeto nacional-desenvolvimentista originário da década anterior -, favoreceram espetacularmente a recepção das obras de Adorno e dos demais frankfurtianos no país, já que haveria uma forte “afinidade eletiva” entre semelhantes condições e a refinada concepção de dialética desenvolvida na Alemanha da década de 1930.

Simultaneamente à leitura das obras do filósofo, Schwarz – ainda segundo seu depoimento – também teria participado de tendência intelectual inovadora, cuja ambição era a de superar o hábito intelectual provinciano de explicar as deficiências ou problemas agudos do Brasil levando em conta apenas o passado colonial, como se este fosse o único responsável tanto por seus desajustes ou debilidades quanto por seu “atraso” ou diferença em relação aos países então considerados desenvolvidos ou industrializados. Semelhante tendência resultaria da busca de maior rigor teórico por parte da nascente Universidade de São Paulo; também de um movimento de renovação dos modos de interpretar o país, cujo impulso provinha da década de 1930 com o aparecimento de algumas obras seminais sobre o país dedicadas a elaborar aguda visão sobre os diferentes aspectos da formação nacional - caso de *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda e de *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) de Caio Prado Junior, além de *Casa Grande & Senzala* (1933) - tendência que também estimulou a elaboração de ambicioso projeto intelectual por parte de Antonio Candido. Decisivo nesse contexto foi ainda a formação, por destacado grupo de pesquisadores ou professores uspianos, de um grupo de estudos conhecido como o “Seminário de Marx”³, do qual Schwarz participou ativamente – ao mesmo tempo, se tornou também discípulo de Antonio Candido. Sua formação ocorreu assim em dupla via: no campo cultural e literário – por influência de Candido - e no campo da teoria social por força dos estudos levados a cabo

³ Sobre esse assunto Cf. Schwarz, R. “Um seminário de Marx” (1999b) e Franco, Renato & Carvalho, Debora C. “Teoria crítica e neoliberalismo no Brasil” in *Constelaciones. Revista de Teoria Crítica*. Espanha. p 261-285. V 13 2021, em que é analisado o itinerário intelectual do referido seminário e destacado suas principais conclusões, em especial as assumidas no trabalho posterior de Schwarz.

no seminário de Marx. Embora distintos, esses campos mantinham estreitas relações, as quais Schwarz desenvolveu de modo original em sua obra posterior.

Conforme sugerido acima, sua apropriação dessas concepções seria enriquecida com a incorporação do prisma analítico e metodológico fornecido pela obra dos frankfurtianos, notadamente a de Adorno e a de Walter Benjamin.

II

A criação do seminário em 1958 - composto por professores e estudantes da Universidade de São Paulo⁴ - destinado a estudar as obras de Marx e inspirado no grupo francês “Socialismo ou barbárie” criado por Claude Lefort trazia para o país a preocupação com o destino do marxismo, então afetado por grave crise de legitimidade decorrente dos rumos tomados pelo marxismo soviético. No plano interno, ele se coadunava tanto com a referida busca de rigor teórico e crítico por parte da Universidade de São Paulo quanto com a concomitante especialização da leitura e grande valorização do saber científico (Schwarz, 1999b:91/2) – fato capaz de sugerir a Schwarz a observação de que “a hora dos universitários havia chegado” (a derradeira badalada brasileira dessa hora teria soado em 2018?). O seminário teve, grosso modo, dois objetivos principais: a) revitalizar a própria noção de dialética – contestando, para tanto, os ensinamentos predominantes sobre tal sorte de pensar, então estimulados ou dirigidos pelo Partido Comunista e b) buscar alternativas e soluções para a superação do caráter subdesenvolvido do país e, conseqüentemente, dos impasses ou obstáculos à implantação da industrialização.

Segundo Schwarz (1999b) as principais inovações teóricas produzidas coletivamente no decorrer dos estudos no âmbito do seminário foram: a) nova visão sobre o significado da escravidão no país, segundo a qual esta não seria uma anomalia da época colonial, que urgia ser superada por suposta incompatibilidade com o capitalismo, mas algo inerente à hora histórica, ou seja, algo moderno e compatível com a expansão do capitalismo: dela o Brasil se valia a fim de garantir a inserção no cenário internacional, ao mesmo tempo em que o capitalismo dela necessitava a fim de intensificar o processo de acumulação e expansão do capital – fato capaz de mostrar nem ser o Brasil tão atrasado, nem o capitalismo tão avançado

⁴ Os participantes do seminário foram: Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso, José Arthur Giannotti, Octávio Ianni, Francisco Weffort, Paul Singer, Fernando Novaes, Gabriel Bollaffi, Roberto Schwarz, Michel Löwy, Bento Prado. . .

ou, como sugere ainda o crítico em questão, que a barbárie não seria invenção nacional, mas uma componente do presente do capitalismo globalmente considerado; b) nova visão dialética sobre o processo histórico, não mais encarado como linear e constituído por etapas sucessivas rumo a um constante progresso – como preconizava a dialética tradicional -, mas configurado por avanços e recuos combinados, muitas vezes inesperados, de modo a propiciar em várias ocasiões a possibilidade de “a classe dominante poder agir de maneira inventiva ou manhosa”; visão que acarretaria ainda o despontar de nova concepção acerca da dialética do progresso no país. c) Segundo semelhante ótica dialética, não haveria – como se pensava até então no campo da dialética institucional – a superação ou supressão linear das idiosincrasias ou deficiências originárias do Brasil colônia; em contrapartida, ocorreria a reprodução ou reposição de semelhantes iniquidades ou deficiências no processo social, o qual avançaria por meio de recuos e, para usar outra expressão do autor, do “atraso e do inaceitável”. d) Dessa concepção decorreria um preceito metodológico de longo alcance:

Convém realçar que nessa perspectiva as taras e os problemas sociológicos da sociedade brasileira não devem ser considerados meramente como resquícios do período colonial, mas sobretudo como relacionados à atualidade da dinâmica econômica local referida à dinâmica do capitalismo global – resultados funcionais ou disfuncionais do movimento da atualidade econômica. (Schwarz, 1999b, p. 95).

Semelhante modo de encarar o país talvez tenha sido a ideia mais importante forjada no âmbito do seminário – conforme atesta o autor (1999b) -, por permitir inclusive a constituição de regra metodológica de grosso calibre, a qual o crítico obedecerá de forma rigorosa em toda sua trajetória intelectual – regra que, ao invés de isolar cada fato, como recomendava a análise tradicional, recomenda sempre “juntar o que a realidade teima em separar” (1999b : 93); e) outra tese importante resultante do trabalho coletivo do referido grupo assimilada por Schwarz é a de que o capitalismo não se realizaria nem se desenvolveria de modo semelhante em todos os países ou regiões - negando assim a concepção de que os países subdesenvolvidos percorreriam as mesmas vias trilhadas pelos países desenvolvidos ou industrializados -; conseqüentemente, tratava-se assim de configurar a forma histórica de desenvolvimento capitalista em país periférico e ex-colônia, revelando sua singularidade - conjugada, porém, com o movimento do capitalismo mundial; f) semelhante concepção acarretou, por sua vez, a percepção da existência de certo desajuste no

emprego das categorias ou conceitos europeus, inclusive os marxistas, nos modelos explicativos adotados no país: estes seriam, nessa tarefa, referência obrigatória, mas não lograriam responder à situação local. Semelhante desajuste teria por origem a dinâmica do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo; g) no plano propriamente político, se chegou à conclusão de que a burguesia industrial brasileira não estaria disposta – ao contrário do que pensava a esquerda da época seguindo os passos, nessa matéria, do Partido Comunista - a liderar um projeto nacional autônomo nem capitanear a industrialização do país; ao contrário, ela se contentaria em ser uma espécie de “sócia menor da burguesia ocidental e guarda avançada da agricultura”, abdicando assim de construir uma “hegemonia plena” sobre a sociedade; h) o golpe civil-militar imposto ao país em 1964 – que interromperia bruscamente, para desalento de muitos, o processo nacional-desenvolvimentista -, imprimiria outro rumo ao processo de industrialização e de modernização do país por se apoiar em uma reposição dos arcaísmos e desigualdades brasileiras – e não em sua superação. Semelhante reposição decorreria de um “Arranjo sociológico-político em cima do qual se processa a inserção do país na economia internacional, e nada mais normal do que elas, portanto, [visto reporem elas] seu travejamento social arcaico”. (Schwarz, 1999b : 101); i) Semelhante fenômeno acarretaria, segundo a visão emanada do seminário, que

O desenvolvimento dos países subdesenvolvidos não leva ao desenvolvimento senão em aparência, pois, assim como estes repõem seu travejamento social “arcaico”, o capitalismo visto no todo e em plena ação modernizante também repõe a situação subdesenvolvida, que nesse sentido faz parte [o subdesenvolvimento]do travejamento arcaico da própria sociedade contemporânea, de cujo desenvolvimento seria então o caso de se duvidar. (Schwarz, 1999b : 101).

j) Por fim, outra conclusão do seminário assumida plenamente por Schwarz é a referente à posição inaudita da classe dominante brasileira, que, como nenhuma outra, desfrutaria de formidável margem de manobra para agir e continuar a imprimir sua marca ou vontade na vida social brasileira.

III

Como já salientado, no início da década de 1960 Roberto Schwarz se tornou discípulo de Antonio Candido, que em 1959 publicou a importante obra “*Formação da literatura brasileira*” (1975), dando assim continuidade à referida tendência intelectual

inovadora voltada ao esclarecimento original dos diferentes aspectos da formação nacional. Como no caso dos estudos efetuados pelo Seminário de Marx, Candido também partia do pressuposto de que o país apresentava certa peculiaridade, a qual deveria ser esclarecida. Na obra mencionada, o autor analisa a constituição histórica do sistema literário nacional, composto por autores, obras, públicos, editoras, os quais estariam interligados. O sistema literário é assim referido à constituição da própria nação – ao sentimento da nacionalidade – de modo a permitir a identificação da formação da literatura brasileira com a construção e o andamento do próprio processo civilizatório no país. O processo formativo, em sua visão, seria concluído com o aparecimento de obra capaz de assimilar e superar criticamente as insuficiências das obras anteriores, assim como assimilar técnicas literárias pertencentes à literatura ocidental: segundo Candido, este seria o caso da obra de Machado de Assis. O livro descreve as regras de semelhante processo formativo, sendo uma destas a dialética entre o universal e o local; tal dialética articularia o processo literário brasileiro ao processo da literatura ocidental – superando, desta maneira, as tentativas anteriores de historiar semelhante formação, as quais em geral ou tendiam a desconsiderar o polo da literatura ocidental afirmando ser a literatura produzida no Brasil resultado de um processo isolado ou a afirmar ser ela constituída por meras cópias subalternas da literatura da metrópole. Enfim, Candido examinou a formação e desdobramento de uma tradição capaz de implicar formas literárias, gêneros, valores estéticos, circulação de ideias, constitutivas da atmosfera cultural do país; esta tradição seria condição necessária para a transformação cultural e política – além de ser um veículo para o conhecimento aprofundado dos vários aspectos do Brasil. Em outros termos: a tradição – que em outros contextos pode ter sinal negativo – seria no campo literário e cultural condição necessária para a geração de novas ideias, inclusive as transformadoras.

Roberto Schwarz assumirá o arcabouço geral da análise efetuada por Candido – assim como assumiu, no desenvolvimento de sua obra, muitas das ideias produzidas coletivamente nos estudos levados a cabo no âmbito do seminário de Max, conforme já amplamente destacado acima – a ponto de ser considerado um continuador da obra deste, embora filtrada ou reconsiderada a partir do prisma metodológico oferecido pela leitura dos frankfurtianos: semelhante filiação ficaria nítida com sua opção por estudar a obra de Machado de Assis, por exemplo. Além disso, Candido estaria, desde o início da década de 1960, preparando uma noção materialista da forma literária, a qual, segundo Schwarz, não dissociaria invenção formal e apreensão histórica – ou, em outros termos, não separaria a faculdade da imaginação

daquela referente à apreensão - inserindo-se desse modo em postura próxima à verificada na obra de Adorno e, na mesma medida, distante da adotada na perspectiva estética elaborada por Georg Lukács. Enfim,

Tratava-se de explicar como configurações externas, pertencentes ao universo extra-artístico, podiam passar para dentro da obra de fantasia, onde se tornavam forças de estruturação e tinham efeito de conhecimento, pois mostravam então algo que antes não era notável (Schwarz, 2012a : 48) .

Perspectiva que Schwarz assume e desenvolve a ponto de se tornar uma das linhas de força de sua obra, a qual – no campo estético - pode ser sintetizada como a tentativa de esclarecer ou estabelecer a relação entre forma estética e processo social. Vale ainda notar ser a relação por ele estabelecida com a obra de Candido e com a de Adorno obediente a perspectivas diversas: enquanto a de Candido explicaria ou forneceria o sentido da peculiaridade da experiência brasileira, a de Adorno forneceria explicação para a tendência global, ou seja, do capitalismo como um todo – perspectivas que constituiriam as linhas mestras da elaboração da teoria crítica de Schwarz.

Cabe aqui destacar alguns aspectos decisivos implicados tanto no trabalho do historiador literário quanto no trabalho coletivo do grupo reunido no Seminário de Marx: tanto um como outro supera, no sentido hegeliano-marxista do termo, a enraizada tradição de explicar o país levando em consideração apenas seu passado histórico - com ênfase no passado colonial -, visto adotarem visão dialética apta a promover explicação dos diferentes momentos ou aspectos do país em conjunção com a cena internacional ou, melhor dizendo, com a dinâmica global do capital. Opção metodológica que, por sua vez, acarretaria ainda outra perspectiva radical e auspiciosa: de fato, pela primeira vez, pesquisadores brasileiros elaborariam concepções ou explicações teóricas capazes não apenas de explicar aspectos da história do país mediante sua relação ou inserção na cena internacional, mas, nesse mesmo movimento, lograr também entendimento do capitalismo como um todo, entendimento este fornecido pelo prisma da situação periférica do país. Nessa perspectiva, é identificada tanto a singularidade da formação histórica do país, que não repete a dos países desenvolvidos – como já mencionado acima – quanto, conseqüentemente, a limitação dos conceitos (ditos) universais das teorias sociais ou literárias estrangeiras, que aqui não funcionariam adequadamente dada a singularidade da experiência histórica brasileira. Como diz Schwarz: “O que há entre as formas sociais da periferia e as do centro é uma relação de discrepância e

de complementariedade, capaz de evoluir, mas que não é contingente e nem tende a se dissolver em igualdade”. (2012a, p49).

IV

Embora o conceito de forma literária tenha sido objeto de preocupação por parte de Candido desde o início da década de 1960 – conforme aponta Schwarz – é apenas no início da década de 1970, em plena ditadura civil-militar, que semelhante conceito apresentará configuração madura e de longo alcance em dois ensaios seminais do autor: “*Dialética da malandragem*”⁵ e “*De cortiço em cortiço*”. Para resumir muito sucintamente, o decisivo nessas análises – que examinam romances do século XIX - é a verificação de que o processo social não seria caótico, mas ordenado – isto é, apresentaria determinada lógica que preexistiria à forma literária -; ordenação esta que se manifestaria, por sua vez, na forma literária por meio do trabalho formal do escritor, o qual implicaria o recurso à mimese, mas a uma mimese ativa. Como diz Schwarz: “Em proporções variáveis: ela [a forma artística] combina invenção individual, imaginativa, com a intuição de ritmos sociais preexistentes” (2012a, p48). A obra resultaria assim da capacidade de o artista ou escritor captar o ritmo ou a lógica subjacente à vida social; seu trabalho formal estaria vinculado à forma preexistente na realidade, portanto. Enfim, para correr o risco da redundância: a análise efetuada por Candido identifica nas obras seus princípios constitutivos, que seriam o correlativo formal de algo existente fora delas, ou seja, de um princípio ordenador - ou lógica social - que regeria a vida social. Nessa direção, o realismo seria, na acepção de Antonio Candido, não a reprodução na obra de dados ou acontecimentos verificados no processo social, mas a reprodução na obra de determinada lógica social ou modo de organização da vida da sociedade.

Schwarz assume a perspectiva crítica inaugurada por Candido – assim como assumiu muitas das principais ideias ou perspectivas analíticas resultantes do trabalho coletivo do grupo de estudos sobre Marx (mencionadas no item II desse trabalho) – ao escolher como objeto privilegiado de estudo a obra de Machado de Assis, considerada por Candido como a obra que concluía o processo de formação da literatura brasileira (como

⁵ Originalmente publicada em 1970 na *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (8), págs. 67-89. . De cortiço em cortiço publicado em *Revista de História*, São Paulo, 1974, n 100.

também já foi assinalado acima). Seu objetivo constante seria o de verificar como em semelhante obra é constituída a relação entre forma e processo social, se for possível falar assim. Ou, em outro registro, como a obra machadiana se articularia (ou não) com o processo social brasileiro, já que boa parte da crítica local acusava Machado de não praticar uma literatura nacional. Semelhante investigação se materializa em *Ao vencedor, as batatas* (1977) e em *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990); também em vários ensaios publicados em diferentes momentos, dentre os quais cumpre realçar “Complexo, moderno, nacional e negativo” (1987a) , “Duas notas sobre Machado de Assis” (1987b) “Conversa sobre duas meninas” (1999d), *A viravolta machadiana* (2012b), *A nota específica*(1999f).

V

Um mestre na periferia do capitalismo é obra de análise literária sem, contudo, deixar de apresentar dimensão crítica mais ampla ao se referir – ainda que indireta ou alusivamente – ao tipo de progresso esboçado no país após o golpe civil-militar verificado em 1964; de fato, refere-se aos rumos que a modernização brasileira tomou após a interrupção brusca e arbitrária do processo nacional-desenvolvimentista, rumo este orientado por visão conservadora capaz de promover a industrialização sem que esta beneficiasse o conjunto da sociedade: em vez disso, provocaria a intensificação espetacular da exclusão social, de modo a instaurar no país gigantesca diferenciação entre os ritmos do progresso econômico e do progresso social, a qual decorreria da configuração do “subcapitalismo” aqui instaurado, conforme o conceito originário de uma das obras de Fernando Henrique Cardoso publicada na época do mencionado seminário sobre Marx. Aliás, Schwarz assume no referido livro várias das concepções sociológicas elaboradas no seminário; uma delas seria a interpretação de que o golpe de 1964 seria resultado histórico do modo de inserção do país no mercado mundial – na divisão internacional do trabalho – o qual requereria, por sua vez, a reposição permanente das anomalias e idiosincrasias da estrutura social brasileira: assim considerado, o golpe se inscreveria na lógica global do capital.

No ensaio “Agregados antigos e modernos” (2012d), retomando o assunto, afirma ter o embaixador americano Lincon Gordon reconhecido que o golpe de 64 teria sido momento decisivo da Guerra Fria - fato que, na visão de um brasilianista, teria ocasionado a acentuada guinada à direita do país, a qual prenunciava a era pós-moderna, cujas marcas mais notáveis

seriam a promoção tanto de radical despolitização da vida social quanto do processo de administração da pobreza.

Além desse aspecto notável, a obra de Schwarz tece a figura de Machado de Assis como crítico acirrado da atualidade (final do século XIX) por colocar em cena personagens cosmopolitas afinados com a cultura da hora histórica mundial, mas vivendo em uma sociedade fundada na exploração da mão de obra escrava, a qual lhes sustentava a posição social privilegiada. Nesse sentido, a obra do escritor teria ainda radicalizado a crítica ao revelar a contrapelo como a norma burguesa convive bem com a barbárie – com a escravidão local – embora parecesse a condenar. No entanto, destaca não ter sido esta a recepção predominante da obra de Machado de Assis no país: embora em geral considerado como escritor notável, ele não era visto como importante no cenário interno, em que teria pouca influência e público leitor restrito.

Nessa perspectiva, Schwarz realça como os autores modernistas, notadamente Mário de Andrade, não gostavam dele, já que o achavam “muito corrosivo, muito cético”, e isso não seria condizente com o otimismo modernista, que sonhava com um país moderno - seja por obra da classe dominante, que solucionaria os problemas do país, como concebia Mário de Andrade, seja por ansiar por postura deglutidora dos valores ocidentais, como preconizava Oswald de Andrade Schwarz, 1999d: p.234). A data responsável pela mudança na recepção do escritor é a do golpe de 1964, já que até então a imagem da burguesia era mais ou menos positiva, inclusive graças à visão política sustentada pelo Partido Comunista, que afiançava desejar essa classe conduzir o país para a modernidade industrial, de modo a preconizar uma aliança com ela. No plano cultural, semelhante visão implicaria em valorizar a obra nacionalista de José de Alencar contra Machado, fato que suscitou a ocasião para a eclosão de debate destinado a identificar qual deles seria o maior escritor brasileiro – debate assumido pela esquerda, diga-se de passagem, que tendia até então em valorizar Alencar em detrimento de Machado, como foi o caso de Glauber Rocha, conforme assinala ainda o crítico (Schwarz, 1999d :235). O golpe de 64, porém, com seu cortejo de horrores, mudaria a visão pública da imagem da burguesia, que passaria a ser vista de modo muito negativo; ora, essa imagem já estaria esboçada na obra machadiana ao concebê-la como “crápula” ou com outros qualificativos do gênero. Após o golpe, Machado despontaria como o escritor acurado, como o crítico agudo do processo social brasileiro. Desse modo, - sustenta ainda Schwarz - o golpe de 1964 encerraria a fase esperançosa referente ao papel histórico da burguesia, ao mesmo

tempo em que inauguraria um período cético quanto ao significado histórico de seu papel positivo na modernização do país.

No ensaio “A nota específica” (1999f) Schwarz retoma, para outros fins, uma das principais teses de natureza sociológica de sua obra decorrente da influência dos estudos do seminário: em sua formação histórica, ao não abolir a economia de base escravista ao se tornar independente, o país não apenas reproduzia suas anomalias como passou a depender cada vez mais delas a fim de se inserir na divisão internacional do trabalho; contudo, essas mesmas anomalias seriam requeridas pelo movimento global do capital; uma exigência do capitalismo, fato que, por sua vez, incidiria na exigência de manutenção dos privilégios da classe dominante local, e, conseqüentemente, na permanência da natureza acentuadamente desigual da estrutura social brasileira. Como se pode observar, o argumento constitui um dos momentos agudos do desenvolvimento do pensamento dialético no Brasil, do qual Schwarz se tornaria um dos principais representantes.

A retomada do argumento no referido ensaio se destina agora a extrair conseqüências dessa condição do país para a vida literária; no caso, de elaborar critério não arbitrário apto a julgar adequadamente o valor das obras literárias. Nessa perspectiva, sustenta o crítico, as obras importantes ou de valor da literatura ou mesmo da cultura brasileira seriam as que, de um modo ou de outro, deram forma ao problema apontado - ou seja, seriam as capazes de fornecer determinada elaboração das anomalias brasileiras, captando assim a especificidade do país. Em suas palavras: “é a sondagem da nota específica [...] que confere grandeza e valor às obras literárias” (1999f, p154). Enfim, em vários ensaios posteriores Schwarz extrai conseqüências ou perspectivas para a crítica literária brasileira, como é o caso do ensaio “Conversa sobre duas meninas” (1999d), entre outros.

Nesse mesmo movimento crítico e programático Schwarz também retoma o ataque – constante em sua obra - à lógica cultural imperante em país subdesenvolvido, cuja vida cultural seria permanentemente assolada pela moda intelectual proveniente dos países culturalmente hegemônicos no cenário mundial, fato que em geral interrompe a reflexão - armada com grande dificuldade – até então vigente no país, porém sem que esta fosse desqualificada pelo esgotamento da capacidade explicativa – sem que fosse “refutada pela realidade”, para usar as palavras do crítico. Deste modo, a referida lógica cultural impede, a cada nova teoria que chega ao país, a continuação das reflexões anteriores, ao mesmo tempo em que desarma os problemas penosamente equacionados. Nesta direção, crítica a concepção

literária acostumada a reconhecer como obras de valor apenas as que trabalham ostensivamente com a linguagem por negar o vínculo entre obra e realidade social, estendendo a crítica à vertente capaz de sustentar serem as relações sociais linguagem; em contrapartida, concebe ser a própria linguagem uma relação social. Critica também, como exemplo da natureza pouco produtiva dos conceitos das teorias literárias ou sociais elaboradas em função de contextos sociais diversos, a obra de Wayne Booth *A retórica da ficção*, que desenvolve a teoria do narrador não confiável. Segundo Schwarz, semelhante concepção ajuda a entender parcialmente o narrador de Dom Casmurro, por exemplo, mas ao mesmo tempo capta apenas o que é evidente na obra, obscurecendo assim o aspecto fundamental, ou seja, o enraizamento social do narrador em uma determinada configuração social, em um determinado conjunto de relações sociais. Em contrapartida, defende postura capaz de verificar a verdade ou não dos conceitos e teorias submetendo-os à verificação histórica – que consiste em confrontá-los com a experiência social brasileira, portanto.

VI

A teoria crítica de Roberto Schwarz comporta ainda dimensão propriamente sociológica voltada à interpretação do nexos entre a peculiaridade da sociedade brasileira e o movimento do capitalismo, considerado como um todo; dimensão esta informada por refinada análise dialética e desenvolvida em várias de suas obras, como é o caso do ensaio “Fim de século” (1999g) ou de “Agregados antigos e modernos” (2012d), entre outros. No primeiro – que teria inspirado a pesquisa de Francisco de Oliveira sobre os rumos do Brasil contemporâneo explicitada no livro *O Ornitórrinco* (2003) – Schwarz retoma um aspecto da reflexão crítica que atravessa sua obra, qual seja, a referida sobre o período compreendido entre o início da década de 1950 e 1964 – período marcado pelo desenvolvimento de projeto original de desenvolvimento do país, conhecido como nacional-desenvolvimentismo. Segundo o crítico, semelhante projeto teria almejado promover a transformação do Brasil mediante a consolidação de acentuado programa de industrialização, o qual deveria alterar a inserção tradicional do país no cenário internacional: a nova inserção colocaria o Brasil em patamar análogo ao do desfrutado pelos países então industrializados, vulgarmente chamados de “desenvolvidos”. Com a industrialização, almejava-se construir uma nação moderna e integrada, com uma classe operária similar a dos já industrializados, com direitos e cidadania

plena, além de acesso aos bens de consumo modernos e, o que seria decisivo, com capacidade de escolher alternativas futuras, entre outras conquistas. O nacional-desenvolvimentismo também teria impulsionado de modo espetacular a produção cultural da época, dotando-a de extrema vitalidade e poder crítico; melhor dizendo, teria reorganizado o espaço do imaginário e do pensamento crítico e estimulado a elaboração de um projeto cultural nacional coletivo capaz de assumir a perspectiva dos oprimidos, de ser nacionalmente válido e de aspirar a criação de uma cultura moderna “equiparada aos dos países ditos civilizados”. Nesse movimento em que o país se “desapequenava intelectual e culturalmente”, ganharam fôlego as produções de obras como as de Glauber Rocha, além do próprio cinema-novo, a produção musical local, o teatro de Arena e o Oficina - ambos na cidade de São Paulo – além da Teoria da Dependência e da obra de Celso Furtado, que conheceram então grande prestígio internacional.

O golpe civil-militar imposto ao país em 1964 viria a interromper bruscamente a vigência de semelhante projeto desenvolvimentista propiciando a adoção, pelos golpistas, de um modelo de modernização conservadora, cuja principal característica no campo social seria exatamente a de impedir a modernização social que costuma acompanhar a modernização econômica. Interrupção que, entre outros vários impactos negativos, ocasionou no terreno cultural enorme perda de dinamismo e de vitalidade, além de impor acentuado processo de “dessolidarização social”, cujo resultado mais ou menos imediato foi a perda da capacidade de a cultura se referir à nação ou de assumir a perspectiva dos excluídos ou oprimidos. Obviamente, algumas obras ainda puderam – ou podem - manifestar o referido ponto de vista, mas estas serão ocasionais e inseridas no mercado, oferecidas ao rosto anônimo do consumidor cultural entre tantas outras de diferentes tipos. Nesse sentido, elas também tanto perderiam o ímpeto mobilizador quanto não mais expressariam o movimento efetivo da sociedade, embora possam ser significativas. Entretanto, convém realçar que o engajamento artístico e intelectual desenvolvimentista gerou, apesar das ilusões, resultados significativos no processo cultural: por exemplo, o processo cultural integrado ocorrido entre 1960 e 1968, que conheceu grande efervescência ideológica e agitação política, teria também resultado de “novas alianças e simpatias de classe”, as quais “operavam transfusões de experiência social, além de combinações novas de forma e conteúdo” (Schwarz, 1999g: 174). Em outras palavras:

para o crítico, boa parte da qualidade da produção cultural da época foi devida a “rompimentos de barreiras de classes” (idem : 174).

O fim do nacional-desenvolvimentismo, além de impactar negativamente na vida cultural, iniciou também o processo de desagregação social que se tornaria mais acentuado após o encerramento definitivo do referido projeto, verificado na década de 1970 - já que este havia sido retomado, embora apropriado e adequado à ideologia conservadora, por uma ala dos militares golpistas. Semelhante fim teria sido determinado pelas mudanças verificadas então no cenário internacional – conforme apontado por Robert Kurz (1991) – que teria envolvido no “colapso da modernização” a economia dos países de industrialização retardatária, que, na condição de “países pós-catastróficos”, não teriam mais condições de dar continuidade ao processo de industrialização por falta de dinheiro, de acumulação, no momento mesmo em que a tecnologia passava a ter no cenário da divisão internacional do trabalho papel enormemente preponderante. Nesse processo de desagregação geral chegam ao fim as ilusões mobilizadas pelo nacional-desenvolvimentismo⁶, dando lugar à consciência de que ele nem acarretou efetivo desenvolvimento real nem foi puramente nacional. Que o diga a população originalmente agrária subitamente arrancada da vida agrícola para compor a nova classe operária nas cidades que, de repente, se viu lançada no meio de um turbilhão caótico e desagregador sem perspectivas, sem emprego, sem salário, constituindo a nova massa de “sujeitos monetários sem dinheiro” - conforme a expressão cunhada por Robert Kurz e assumida por Schwarz.- disponível para toda sorte de criminalidade ou de manipulação e fanatismos, como se verificou a partir de 2018.

A esse cenário iniciado com o fim do nacional desenvolvimentismo Roberto Schwarz chama de período essencialmente moderno, novo, cuja dinâmica seria dada pela desintegração nacional, que, no entanto não é apenas uma questão brasileira ou nacional, pois atinge igualmente os países chamados originalmente por Robert Kurz de “pós-catastróficos”. O raciocínio de Schwarz é aqui altamente dialético e devastador: ele concebe ser esta desintegração parte de uma lógica global nova, que, no entanto, seria o reverso da lógica global do capital, a qual, por sua vez, seria cada vez mais unificada. Para dizer de outro modo

⁶ Interessante observar que em 1976 é publicado o romance *Quatro-Olhos*, de Renato Pompeu, obra que pode ser lida em dois níveis: no primeiro, narra-se a dilaceração do narrador, que quer recuperar a identidade perdida e o que ele próprio outrora foi; no segundo, trata-se da própria dilaceração experimentada pelo país após o truncamento do processo nacional-desenvolvimentista e a impossibilidade – apesar das tentativas infrutíferas – da recuperação do que foi: modo de aludir ao processo revolucionário então bloqueado.

e para realçar a argúcia do raciocínio – ou diagnóstico: a lógica unificada do capital no plano internacional, que comanda a modernização global, é examinada no modo-padrão com que atinge os países pós-catastróficos; estes passam a experimentar irrefreável processo de desintegração conhecendo, como resultado, uma inserção internacional instável. Como se pode notar, a análise continua sendo sofisticadamente dialética ao interpretar o país em relação ao cenário internacional e, no mesmo movimento, configurar como este determina alternativas ou fechamentos para o país em questão. Schwarz chama a esse novo período marcado pela desintegração de “fim de século”.

Nessa perspectiva, quais seriam os prognósticos possíveis para a sociedade brasileira, agora marcada pelo predomínio de semelhante lógica? Para Schwarz, o risco maior será o de repetir, em escala gigantesca, o massacre – ou genocídio? - verificado no país por ocasião da abolição, quando a classe dominante abandonou à própria sorte os negros, sem criar mecanismo algum que objetivasse sua integração à sociedade ou que pudesse amenizar o infortúnio dos ex-escravos. De modo análogo, os ex-futuros operários, transformados em “sujeitos monetários sem dinheiro” formam hoje uma massa de empobrecidos, que nem mesmo tem a perspectiva do emprego “até como mão de obra gratuita”. Diante de semelhante cenário, ou melhor, diante de tal resultado histórico, cabe perguntar: tivemos desenvolvimento? A modernização global nos empurra para que fatia da modernização? Esta mesma, a da desintegração? A condição mesma de país pós-catastrófico sem perspectivas? Nesse cenário, o que ocorrerá com a vida e a produção cultural? Resta um simulacro de cultura nacional apta a alardear para o mercado global de bens simbólicos uma presumida identidade nacional a fim de permitir nele a inserção da produção cultural do país?

Para concluir: quais obras souberam, em sua estrutura formal, responder a essa nova lógica da desintegração social que opera em larga escala? Schwarz aponta algumas delas: no romance, Paulo Lins com *Cidade de Deus* (1997), que teria o mérito de captar a transformação profunda da sociedade a partir do universo de uma favela, que não mais teria a vida interna regida por lógicas de solidariedade ou outros meios tradicionais, mas por um processo novo marcado pela criminalidade, pelo narcotráfico e por inusitado grau de violência, a ponto de ser possível afirmar que o referido romance capta a transformação da favela em pós-favela. Confere também enorme importância a *Estorvo* de Chico Buarque (1991), romance em que o narrador-personagem, cuja origem social não sabemos bem, empreende uma fuga contínua (do que? para onde?) que aos poucos o conduz à radical

marginalidade e completo desamparo social. Nesse itinerário, ele torna-se de aspecto repulsivo, com roupas rasgadas e sujas, a pele ferida e encardida, os cabelos em completo desalinho – embora pareça não se dar conta disso. Por essa razão, ao se dirigir na rua a um presumível conhecido, recebe uma facada. Mesmo ferido, sobe em um ônibus pensando onde poderia se refugiar, embora não tenha concretamente nenhum lugar especial ou seguro em que possa fazer isso.

A substância forte do romance de Chico seria assim a metáfora precisa da situação do Brasil: sujo, repulsivo, a caminho da marginalidade e da miséria, sem perspectiva alguma. Como comprovação, bastaria notar que tudo e todos os ambientes sociais parecem regido pela mesma lógica da degradação e da perda de consistência, o que leva Roberto a fazer um resumo histórico sobre o assunto dizendo: “depois dos tempos em que a pobreza ignorante seria educada pela elite, e de outros tempos em que os malfeitos dos ricos seriam sanados pela pureza popular, chegamos agora a um atoleiro de que ninguém quer sair e no qual todos se dão mal” (1999h : 180). No cinema, teria enorme importância o filme de Sérgio Bianchi *Cronicamente inviável* (2000) que, segundo Schwarz, em vez de narrar ou configurar aspectos de luta de classes, foca a realidade social degradada, na qual os dois polos da cena social - a burguesia e os trabalhadores - haviam “virado lumpem” e se “mereciam mutuamente”: a burguesia descontente, insegura, invejosa, querendo morar fora do país; os trabalhadores desarticulados e sem emprego, rendidos pelo imaginário burguês. A visão seria inédita no Brasil por romper com imagens sociais solidificadas, já que até então se confiava socialmente tanto na pureza popular quanto na missão tutelar da burguesia.

Referências

CANDIDO, Antônio. **Dialética da malandragem**. in *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, São Paulo, V.8, p. 67-89, 1970.

CANDIDO, Antônio. **De cortiço em cortiço**. In *O discurso e a cidade*. São Paulo: Editora Todavia, 2023.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5ª edição Belo Horizonte, Ed Itatiaia, São Paulo: Ed Universidade de São Paulo, 1975.

Buarque, Francisco. **Estorvo**. São Paulo: Ed Companhia das Letras, 1990.

Bianchi, Sérgio. **Cronicamente inviável**. (filme) 2000.

Franco, Renato & Carvalho, Debora C. **Teoria crítica e neoliberalismo no Brasil**. In Constelaciones. Revista de Teoria Crítica. Espanha. P. 261-285, V. 13, 2021.

Schwarz, Roberto. **Complexo, moderno, nacional e negativo**. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987a.

Schwarz, Roberto. **Duas notas sobre Machado de Assis**. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987b.

Schwarz, Roberto. **Um seminário de Marx**. In: *Sequências brasileiras*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

Schwarz, Roberto. **Pressupostos, salvo engano, da dialética da malandragem**. In *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987c.

Schwarz, Roberto. **Conversa sobre duas meninas**. In *Sequências brasileiras*, São Paulo: Companhia das letras, 1999d.

Schwarz, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. Entrevista. In *Sequências brasileiras*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999e.

Schwarz, Roberto. **A nota específica**. In *Sequências brasileiras*, São Paulo: Companhia das letras, 1999f.

Schwarz, Roberto. **Um romance de Chico Buarque**. In *Sequências brasileiras*, São Paulo: Companhia das letras, 1999g.

Schwarz, Roberto. **Sobre Adorno**, Entrevista. In *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

Schwarz, Roberto. **A viravolta machadiana**. In *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

Schwarz, Roberto. **Na periferia do capitalismo**. In *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012c.

Schwarz, Roberto. **Agregados antigos e modernos**. In *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012e.

Schwarz, Roberto. **Ao vencedor, as batatas**. São Paulo: Ed Livraria Duas Cidades, 1977.

Schwarz, Roberto. **Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Ed Livraria Duas Cidades, 1990.

Kurz, Robert. **O colapso da modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1991.

*Recebido em: setembro/2023.
Aprovado em: dezembro/2023.*